

A CAVERNA DO JACAREZINHO, MUNICÍPIO DE SANTA LUZIA DO PARÁ.

Collyer, T¹.; Amaro G¹.; Braga, J. B. P².; Gouvêa, J. L¹.; Vasconcelos, M¹. ; Pinheiro, R. V³.; Sóstenes, S⁴.; Brito, M¹.

¹Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Pará; ²Departamento Nacional da Produção Mineral; ³Universidade Federal do Pará; ⁴Secretaria de Estado de Cultura do Pará.

O cenário espeleológico regional registra muitos abrigos rochosos, cavernas e petroglifos, a maioria desenvolvida em arenitos e rochas granitóides, no interior e borda da Bacia Sedimentar do Amazonas. Nas cinco províncias espeleológicas paraenses é possível encontrar registros da ação antrópica e o testemunho da ocupação humana. Na Província Espeleológica Intempérica do Vale do Piriá as cavernas são em geral formadas em arenito e laterita, com minerais fosfatados, biogeoquímicos, além de material cerâmico, lítico e terra preta. Destaca-se também a descoberta de petroglifos e artefatos líticos em Irituia, São Miguel do Guamá e Vizeu, junto a abrigos instalados nas feições ruiformes semelhantes à “cânions” nas rochas do Arenito Guamá. Em geral, os sítios apresentam petroglifos, figuras rupestres, artefatos líticos e cerâmicos, ídolos e os muiraquitãs, de importante contribuição à história da ocupação humana na Amazônia. O potencial espeleológico do Estado do Pará é vasto e importante como gerador de desenvolvimento da história e do cenário ecológico amazônico, podendo ainda ser usado como elemento de desenvolvimento do turismo regional. Às proximidades da sede municipal de Santa Luzia, foi descoberta recentemente pelo GPANP, a Caverna do Jacarezinho, cujo nome deriva da presença de um petroglifo zoomorfo, em uma de suas cavidades. A área que contém a caverna é constituída de rochas pertencentes ao Grupo Gurupi, de idade Arqueana a Paleoproterozóica, localmente representada pela Formação Rio Piritoró. Trata-se de um conjunto metavulcano-sedimentar metamorfoisado no fácies xisto verde, constituído de rochas pelítico-carbonosas-fosforíticas, e cuja rocha hospedeira, é um grafite-biotita-quartzo-xisto. Encontram-se sistemas de veios de quartzo leitoso alojados nos xistos,, tipicamente pegmatíticos, gerados em temperaturas acima de 500°C, em veios concordantes ou não com a xistosidade das encaixantes. Localmente formam aglomerados cristalinos de até 40x25 cm com forma anastomosada, além de quantidades expressivas de cristais de grafita. Esta formação encontra-se estruturada na direção NE-SW, com mergulho para SW e NE e com os eixos das dobras decimétricas a milimétricas com direção NNE-SSW. Apresentam, ainda, foliação na direção NNE-SSW, com predomínio de mergulhos entre 40° a 50° para NW. A caverna tem abertura da ordem de 8m, considerando-se que devido ao desmatamento regional para a implantação da pecuária, tem ocorrido o aterramento do piso da caverna, por sedimentos transportados pelo córrego existente em frente à mesma. Estima-se que já houve o aterramento de cerca de 1,50 m do piso original. O principal “salão” tem atualmente comprimento/profundidade de 11,50 m, 7 m de altura na entrada principal, sem considerar os 1,50 m de aterramento. Um segundo salão tem atualmente 4 m de largura por 3 m de comprimento/profundidade. Observa-se também, a concentração localizada de fosfato com grafita, e por vezes, a formação de estalactites e estalagmites com estrutura sustentada por material orgânico radicular (estrutura de dissolução). por fim, encontra-se um petroglifo em forma de um jacaré, gravado no interior de uma cavidade a cerca de 1,20m de altura do atual chão, medindo 43 cm de comprimento, por 225 de largura, nas patas, podendo-se afirmar que todo o conjunto continua sofrendo fortes impactos antrópicos.

GEODIVERSIDADE, GEOTURISMO, ARQUEOLOGIA.